



## ARTIGO

### O analista *ligado*<sup>1</sup>

Ram Mandil<sup>2</sup>

rmandil.bhe@terra.com.br

**Resumo:** As novas formas do amor e a incitação à exposição do saber, próprias dos novos tempos, nos incita a repensar o estatuto do inconsciente e as novas formas da transferência. Este trabalho procura avaliar as conseqüências de um deslocamento para o primeiro plano da noção de “saber fazer”, operada por Lacan a partir do *Seminário 20*. Desde aí o inconsciente e a transferência podem ser considerados como *modos de lidar com a não-relação*. Uma distinção entre o valor de uso e o valor de troca do saber, neste mesmo Seminário, abre novas perspectivas nesta direção. As exigências colocadas para a prática da psicanálise com os jovens, confluem, nesse aspecto, com uma demanda implícita em seu discurso, da qual podemos inferir a necessidade que nos posicionemos como analistas *ligados*.

**Palavras-chave:** inconsciente; transferência; “saber-fazer”.

**Abstract:** The new modalities of love and the urge to an exposed knowledge, both typical in our present times, invite us to reconsider the status of the unconscious and new forms of transference. This paper aims at evaluating the consequences of replacing to an outstanding position the notion of ‘know-how’ developed by Lacan in his Seminar XX. Since then, the unconscious and the transference can be considered as *ways to deal with the no-relation*. In the same Seminar, a distinction between the value of knowledge usage and the value of knowledge exchange opens new perspectives in the same trend. In that aspect, the demands psychoanalysis faces in its practice among youngsters converge to a demand implicit in its discourse. Thus, we can deduce there is an urge we take the position of *joined* psychoanalysts.

**Key words:** Unconscious; transference; ‘know-how’.

No último debate entre os candidatos à presidência dos EUA o debatedor pergunta a cada um dos oponentes se eles realmente consideram a homossexualidade uma “escolha sexual”. Mais adiante o mesmo debatedor quer saber de cada um sobre o papel desempenhado pela mulher em suas vidas e sobre o que eles pensam a respeito das experiências com as células-tronco.

Se havia alguma desconfiança sobre o fato de estarmos vivendo novos tempos, estas perguntas não deixam dúvidas, ao revelar o embaraço do discurso do mestre diante das novas questões que emanam da ciência e de suas incidências sobre o sexual.

Não podemos esquecer que a prática da psicanálise participa da configuração desses novos tempos, ao introduzir uma nova erótica no discurso universal, com o isolamento do fenômeno da transferência. Freud se dá conta da necessidade, para a prática da psicanálise, da invenção de “um quarto destino” para o amor, diferente daqueles até então à disposição na civilização, a saber, o da “união legal e permanente”, o da “separação”, e o da “relação ilícita e temporária”. Nenhum deles irá interessar à relação entre analisante e analista. A psicanálise deverá escavar uma nova trilha no amor, um caminho “para o qual não existe modelo na vida real”, um modo

pelo qual a demanda de amor não seja satisfeita, mas que também não seja suprimida.

Sabemos que Lacan irá levar adiante a elaboração a respeito da transferência. Sua teoria do sujeito-suposto-saber é um modo de considerá-la a partir da relação entre o amor e o saber, uma vez que o sujeito do inconsciente é produto de um “não querer saber”. Na “Proposição de 9 de outubro”, Lacan busca demonstrar como o efeito de significação derivado da remissão do significante da transferência, que representa o analisante, ao significante qualquer, encarnado pelo analista, torna-se o eixo em torno do qual gira a transferência. O analista aqui é pensado em sua vertente significante. Se há lugar para pensá-lo como objeto, este se acha ainda latente, como referencial deste efeito de significação enquadrado pelo “saber, supostamente presente, dos significantes que estão no inconsciente.”<sup>3</sup>

Podemos afirmar que a teoria do sujeito-suposto-saber não será a palavra final de Lacan a respeito da transferência. No Seminário “Mais, ainda” dirá que uma transferência motivada pelo sujeito-suposto-saber é “uma aplicação particular, especificada”<sup>4</sup> do que a experiência revela.

Uma das características desses novos tempos é o questionamento de todo saber suposto e um estímulo à exposição do saber. A medicina baseada em evidências, a superioridade dos exames complementares em relação à confiança na palavra do médico, as exigências de demonstração estatística da eficácia de uma prática, indicam uma relação com o saber que coloca sob suspeita toda suposição.

Isso não é sem conseqüências para a teoria do sujeito-suposto-saber. Numa civilização em que o objeto *a* não se acha mais em estado latente, mas circulando abertamente no social, renovado, inclusive, pela ciência, que efeitos isso poderá ter sobre o amor, em geral, e sobre a transferência em particular?

### **Uma nova erótica para a transferência?**

Essa pergunta nos leva a considerar o modo como o amor circula hoje entre os jovens. Vamos tomar alguns desses aspectos, pelo menos os mais evidentes.

Um deles diz respeito a essa nova forma de relação entre os sexos que é o “ficar”.

Correndo o risco de simplificação, podemos dizer que se trata de um amor sem compromisso, como prazo de validade determinado, sem a responsabilidade que advém dos vínculos duradouros. Há aqui uma dimensão contábil, de cifração do gozo, como nos mostra a propaganda de um refrigerante que faz equivaler o número de parceiros ao número de latas tomadas.

Outra prática amorosa contemporânea é a do amor virtual. Se ela é uma demonstração de que o amor pode ser induzido pelos semblantes, ela também parece acionar alguns elementos do amor cortês, ao criar, ao menos num primeiro momento, um objeto inacessível e idealizado, mantido a uma boa distância.

De certo modo, tanto o “ficar” quanto o “amor virtual” podem ser encarados como modos de abordar a relação sexual pela redução do Outro a um objeto intercambiável, passível de ser trocado ou abandonado no contexto de uma legitimidade social.

Essas novas práticas permitem circunscrever os prazeres advindos da relação amorosa, ao mesmo tempo em que possibilitam isolar seus impasses, de modo que seja possível, como observa Roland Barthes, “‘esquecer’ o ser amado fora dos prazeres que ele lhe dá.”<sup>5</sup>

A constatação de que há algo na relação amorosa do qual o sujeito deve se proteger, é inteiramente compatível com a idéia do amor como um vírus. O seu aspecto contagiante, ao mesmo tempo invasor, encontra na internet um meio eficaz de propagação. Não há muito tempo a rede mundial de computadores se viu atacada pelo Love Bug, atribuído a um jovem de 15 anos, que, através de mensagens “I love you”,

foi capaz de invadir as caixas de endereços dos destinatários e enviar cópias para todos ali listados, com a conseqüente destruição de seus arquivos.

Não há como ignorar a correlação entre o caráter “virótico” do amor e o desenvolvimento de jogos, animais e mesmo namorados virtuais ao estilo “tomagotchi”. Estas práticas indicam o caráter insuportável da demanda do Outro, criando, como resposta, meios de torná-la previsível ou passível de regulação.

### **Um inconsciente para os novos tempos**

Esta redução do Outro a um objeto vai no sentido das manifestações contemporâneas da transferência, que parecem vir articuladas muito mais à dimensão pulsional do que à dimensão amorosa da demanda. Nessa perspectiva, a transferência não parece visar à falta no Outro, dando a impressão de confundir-se com as exigências de uma presença absoluta como condição para o gozo, sem espaço para uma dialética da falha no Outro.

Como pensar o acesso ao inconsciente neste contexto de degradação do saber suposto e de redução do Outro a um objeto cuja presença é a garantia de um *plus* de gozo?

Sabemos que Freud responde a essa questão apostando na capacidade da psicanálise de induzir um amor pela verdade veiculada pelo sintoma, pelo saber aí inscrito, um amor que seria superior às exigências de satisfação amorosa dirigidas ao analista. Esta seria uma das dimensões éticas da psicanálise.

Com Lacan encontramos algumas indicações que permitem avançar em relação a estas questões e mesmo nos fornecer elementos para enfrentar as dificuldades contemporâneas que se colocam no caminho de uma experiência de análise.

Entre elas, a necessidade de se repensar o estatuto do inconsciente, à luz do que Lacan pode vislumbrar como sendo os sinais de novos tempos. Como fator da política, como forma de laço social, o inconsciente também é afetado pelos modos de vida gerados pela civilização. Temos aqui uma tese contrária à idéia de um inconsciente eterno, ao mesmo tempo em que se exclui a nostalgia por um retorno aos tempos de domínio do discurso do mestre, e a ilusão de esta seria a saída para se preservar as possibilidades da psicanálise. A orientação lacaniana indica que devemos buscar, nas forças que se movem, as melhores condições para que o inconsciente continue a ser um modo de acesso digno à causa analítica.

Pensar um novo estatuto do inconsciente também mobiliza uma nova relação com o saber. É assim que vemos surgir uma nova referência no último ensino de Lacan, com o deslocamento para o primeiro plano da noção de “saber-fazer”. Há aqui, a meu ver, um novo enfoque, na medida em que aponta para uma concepção do inconsciente, e mesmo da transferência, não mais pela vertente de um saber suposto, como produto de uma articulação significante, mas como *um modo de lidar com a não-relação*, esteja ela ao nível da língua (“o inconsciente é um saber fazer com alíngua”<sup>6</sup>), esteja ela ao nível do encontro entre os sexos (“O saber do inconsciente designado por Freud é o que o hùmus humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra”<sup>7</sup>).

É nesta perspectiva que, a meu ver, a resposta do inconsciente poderá interessar às novas gerações, na medida em que ele for capaz de “fazer do impossível uma referência”, tal como nos propõe Simone Souto em trabalho apresentado durante os Seminários Preparatórios da X Jornada da EBP-MG<sup>8</sup>.

A perspectiva do inconsciente como um “saber fazer” destaca um aspecto de nossa relação ao saber que merece ser explorada. Algumas passagens do Seminário 20 vão nessa direção, especialmente na distinção feita por Lacan entre o valor de uso do saber de seu valor de troca. Para se ter acesso a este saber, dirá Lacan, “há um custo, é preciso empenhar a própria pele, pois ele é difícil, menos de ser adquirido do

que de gozar”<sup>9</sup>. Não se trata de um saber adquirido de uma vez por todas, mas um saber a ser conquistado a cada vez que ele é exercido.

Nesse sentido, se há lugar para uma suposição de saber numa análise, ela deverá ser medida a partir do valor de uso do analista por parte do analisante, como parte de um saber fazer com a não-relação que se constrói através do sintoma. Podemos afirmar que há um saber no uso do parceiro-sintoma, um saber que inclui o analista em seu exercício.

Como pensar a dimensão amorosa na experiência de uma análise, de um amor que possa fazer existir o inconsciente como um saber fazer? De que modo o amor pode ser um modo de acesso ao real sem lei?

“Basta que, em algum lugar, a relação sexual cesse de não se escrever, que estabeleça a contingência, para que se conquiste um esboço do que deverá ser concluído para demonstrar essa relação como impossível, ou seja, para instituí-la no real.”<sup>10</sup>. É nos termos da contingência que Lacan verá no amor a possibilidade de colocar à prova o fato do gozo do Outro, como corpo, ser sempre inadequado, mesmo quando reduzido à dimensão de um objeto.

Uma expressão comum aos jovens de nossos dias parece traduzir uma dimensão do laço social que, de certo modo, parece configurar o que aqui foi exposto. Refiro-me à expressão “ta ligado?”, de cunho fático, pela qual, à primeira vista, procura-se saber se o parceiro está acompanhando ou mesmo entendendo ou dando importância ao que está sendo dito. O contraponto com o termo “desligado”, próprio à juventude dos anos 60, não deixa de ser sugestivo. Esta expressão, no entanto, também poderá ser considerada como uma demanda dirigida ao analista contemporâneo, de modo que, estando *ligado*, possa permitir ao sujeito se situar diante do que, por essência, é sem ligação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na X Jornada da EBP-MG, “Jovens em análise”, em dezembro de 2004.

<sup>2</sup> Membro da Escola Brasileira de Psicanálise.

<sup>3</sup> Lacan, J. (2003). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola”. In *Outros escritos*, (p.254).Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1985). *Seminário, Livro 20, Mais, ainda*, (p.197). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>5</sup> Barthes, R. (1981). *Fragmentos de um discurso amoroso*, (p.44). Rio de Janeiro: F.Alves.

<sup>6</sup> Lacan, J. *ibidem*, (p.190).

<sup>7</sup> Lacan, J. (2004). Nota italiana. In: *Outros escritos*, (p.315). *Op. Cit.*

<sup>8</sup> Souto, S. O futuro de uma desilusão. In: *Jovens Online – Boletim eletrônico da X Jornada da EBP-MG*, n.5.

<sup>9</sup> Lacan, J. (1985). *Seminário, Livro 20, Mais ainda*, (p.129). *Op. Cit.*

<sup>10</sup> Lacan, J. (2004). Televisão. In: *Outros escritos*, (p.537). *Op. Cit.*